

A CIDADE SEM INFÂNCIA NO UNIVERSO PIONEIRO DA SOJA

Odette Carvalho de Lima Seabra*

Sérgio Manuel Merêncio Martins**

Foto: Sérgio Manuel Merêncio Martins



Este ensaio reporta-se a uma cidade formada em área de recente expansão da soja. Cidade sem infância, ou, o que equivale dizer, cidade que nasce adulta, porque inscrita na lógica reprodutiva do capital financeiro internacional. Trata-se do núcleo urbano de Chapadão do Sul, no estado do Mato Grosso do Sul, cuja ocupação, a partir do início dos anos 70, é vivida por um movimento pioneiro de gaúchos, oriundos principalmente de municípios como Ijuí, Erechim, Palmeira das Missões, Santo Augusto, entre outros. Famílias inteiras, grande parte delas de extração rural, lançaram-se a esta terra de horizontes desmesurados e nela implantaram um mundo febril. Estes

pioneiros se autodescrevem como desbravadores... e de fato o são.

Como força avassaladora que é, o movimento pioneiro impõe, no lugar, uma lógica nova, e é o inusitado, o bizarro, que constituem os elementos primários para pensar esta cidade adulta, nascida sob os signos do banco, do avião e do trator, encontrando paralelo em muitos outros municípios brasileiros, como no norte do Mato Grosso, e no oeste da Bahia, que se constituem também em áreas recentes de expansão das lavouras tecnificadas de soja. Elas expressam a concretização de estratégias do Estado no sentido da ocupação e colonização de parcelas significativas do território brasileiro, mormente do Centro-Oeste, no interior de um movimento que

desloca de pequenos produtores rurais a grandes empresas para a consecução de monoculturas desenvolvidas em moldes empresariais, contempladas na formulação dos planos e programas que visam, entre outros aspectos, a elevação das exportações brasileiras.

Contudo, nas franjas destas áreas de agricultura modernizada, onde as grandes lavouras de soja assumem posição arquetípica, a cidade é fruto de uma intencionalidade pressuposta. De uma razão que inclui o banco, para financiamentos, pois é através deles que as políticas agrícolas se aplicam; o avião, para permitir velocidade aos negócios; e as pesadas máquinas agrícolas, de porte nada desprezível, como tratores e colheitadeiras, que

atestam o patamar tecnológico das lavou-
ras. Não faltam, pois, elementos de
modernidade neste universo, que se mani-
festam, num primeiro plano, como empre-
endimentos econômicos.

Na verdade, o singular deste movimen-
to migratório é a redefinição que implica
aos sujeitos no seu decorrer. Este espaço
estratégico, produto de "télescopage", nos
termos de Henri Lefebvre(1), impôs-se
sobre realidades precedentes, fazendo
tábula rasa da história do lugar. Não
obstante, esta prática do Estado, longe está
de subverter a ordem político-econômica e
lógica da inserção da propriedade territorial
nos marcos da reprodução capitalista.

Por conta disto, é que o avião, com o
especulador fundiário, vem à frente, ante-
cedendo a estrada, estabelecendo as regras
do mercado fundiário. Nessas áreas, tão
importante quanto as lavouras moderniza-
das são os negócios com as terras. Os seus
agentes se impõem e se reconhecem como
portadores da modernidade, conseqüente-
mente, a base do poder local
encontra-se estruturada pelos nexos que
ligam a propriedade territorial à sociedade
que aí se estabelece, instalando-se nos
mais diminutos liames da vida social. No
cume, está o proprietário estrategista, "o
dono", aquele que tinha conhecimento e
informação e os aplicou no entendimento
das políticas do Estado devotadas ao espa-
ço, no caso, à ocupação de Chapadão do
Sul.

Neste universo a ocupação é mediada e
determinada pela propriedade capitalista
do território. Nele somente encontram sen-
tido as relações que se conformam no
âmbito dos padrões definidos desta forma
de sociedade, na qual se tem reservado um
lugar estratégico à propriedade territorial,
para viabilizar formas rentistas de acumu-
lação. Em verdade, o capitalismo no Brasil
reproduz-se parcamente, definindo-se
como rentista e inacabado(2).

As relações que se estabelecem com e
pelos pioneiros, além de porem em xeque
sentidos concernentes a terra derivados de
concepções de mundo diferentes, têm como
elemento fundante e visceral as mediações
necessárias aos requisitos atuais da repro-
dução social - como, por exemplo, o banco
, e que até então se faziam ausentes. Na
realidade pioneira só é concebível como
modo de existência possível o que está
condicionado a um mundo "sem peias",

em que pesem suas contradições. A lógica
da reprodução neste universo é já uma
lógica de tempo, implicando uma atuali-
zação com redefinição da vida social. A
rigor, as novas técnicas produtivas são
acompanhadas de relações, comportamen-
tos, valores novos, que, ao se imporem,
antagonizam-se e consagram à
obsolescência o que se encontra dissonante
com os atributos e o ritmo do ciclo da soja.
Portanto, se existe uma multiplicidade de
dimensões que se abrem, muitas outras são
interditadas. Os desbravadores transfor-
mam-se em agentes de relações comple-
xas, enredando circuitos financeiros, em-
presariais, criando e produzindo uma
paisagem de grande homogeneidade.

É preciso ver também como se realiza
a forma urbana, pois ali, sob a aparên-
cia emblemática de solidez e concretude, tudo
se move irrequieta e incessantemente. O
transitório e o efêmero são traços marcantes
do mundo pioneiro. Nenhum entendimen-
to clássico sobre a cidade conduz ao seu
esclarecimento. A centralidade é difusa.
Nem mesmo o banco, centro de negócios,
consegue estabelecê-la. O elemento da
forma urbana mais esclarecedor é, ao mes-
mo tempo, o mais irrisório: a estrada, por
onde se chega, e por onde se parte. Numa
frente pioneira, muitos "caminham para
diante", como já observara, com proprie-
dade, Léo Waibel(3).

Nestas condições, a cidade ganha for-
ma derivada de uma concepção de espaço
cujo conteúdo se sustenta na apropriação e
valorização do território, objeto de
esquadrinhamento que expressa um urba-
nismo promíscuo, carente de qualquer
princípio, e com uma regularidade restrita
ao tamanho dos lotes; uma estética sem
magnificência, sem monumentalidade,
sem espaços públicos. As ruas, largas, não
pertencem as casas. São de domínio das
caminhonetes, dos automóveis,... A natu-
reza das edificações espelha uma segrega-
ção imanente, sendo também reveladora
de elementos de cultura ali revividos,
observáveis nos belos jardins das casas dos
velhos pioneiros, por exemplo.

Nos interstícios da rispidez das formas
da cidade também estão contidos elemen-
tos identitários que buscam realizar algum
nível de imediaticidade das relações. O
Centro de Tradições Gaúchas, e o Centro
Ecumênico, ambos revelam as fragmenta-
ções, separações e, ainda que precaria-

mente, algumas redefinições da base cul-
tural.

Na perspectiva dos cidadãos, os ele-
mentos da cultura e do cotidiano parecem
ser vividos como transposição que a mi-
gração, no interior do movimento pionei-
ro, não conseguiu abalar. Mas há uma
descontextualização dos elementos da cul-
tura, como o jogo da bocha, as rodas de
chimarrão, os churrascos, entre outros,
que agora se inserem no ritmo do ciclo do
produto, e, como tal, expressam perda de
espontaneidade.

As referências de lugar e de espaço
traduzem perspectivas e conteúdos diver-
sos. Os migrantes pioneiros, mesmo os
"bem sucedidos", aqueles que "deram
certo" como pioneiros, vivem o sonho da
conquista, e isto parece constituir o maior
fundamento de sua cultura. Vivendo o
presente como transitório, vivem a reali-
dade de conquistados, pois, não obstante
serem sujeitos, lhes escapa o objeto que são
desse mesmo processo. Sonham
diuturnamente em "ir para a frente".

Por outro lado, os que "chegam de-
pois" do turbilhão pioneiro, sem dinheiro
suficiente para comprar uma propriedade,
à procura de onde trabalhar, parecem ela-
borar a noção de lugar como ponto de
chegada, onde procuram se fixar e se
reproduzir. E é também na apreciação de
como vivem estes migrantes que se evi-
denciam os processos de segregação con-
tidos nas relações estabelecidas. Por eles e
através deles a cidade sem infância ganha
quarteirões e quarteirões de autoconstrução
precária e improvisada. Reconhecida como
deterioração da paisagem, mas também
como necessária, na medida em que uma
economia propriamente urbana conta com
a presença de despossuídos, e estes são
essenciais aos processos em curso. E isto
aparece na conformação da mentalidade
urbana. A pujança, em qualquer circuns-
tância, carrega o seu contrário.

Nestas condições, a cidade se justifica
antes de tudo pelos circuitos monetários
que a envolvem, e, em Chapadão do Sul,
essencialmente, pelas condições concebi-
das como elos de relações necessárias para
investimentos. Por isso, o banco lhe é um
fator genético. O desenvolvimento das
lavouras pressupunha atividades que a
elas estão imbricadas direta e indireta-
mente, como a instalação e ampliação das
estruturas armazenadoras dos grãos pro-

duzidos; o redimensionamento e proliferação de estabelecimentos voltados à comercialização de máquinas e insumos; o surgimento de empresas especializadas em planejamento agrícola; a implantação de indústrias cujas matérias-primas são os produtos da terra trabalhada em moldes modernos; os serviços dos caminhões que trazem os grãos das lavouras até as empresas; as agências bancárias que são tomadas de intensa agitação quando são liberados os vultosos recursos financeiros necessários a tão grande empresa,.... Enfim, pode-se dizer que estas atividades enredadas à égide do cultivo de soja, têm as porções lindeiras da auto-estrada como localizações mais propícias para a implantação dos estabelecimentos, devido à acessibilidade garantida. Como decorrência, também ganham visibilidade os processos instaurados, podendo, num certo sentido, serem lidos como atestados de riqueza e dinamismo.

No entanto, a forma de uso do espaço da cidade realiza e confirma a lógica do especulador, que consiste em extrair a máxima renda dos atributos diferenciados de cada localização intra-urbana.

Mas na medida e porque a cidade se justifica mais pelos circuitos monetários que a envolve, estão aí negados os elementos mais significativos da vida urbana: a potencialização das capacidades individuais, e o poder socializante da cidade como virtualidade. Por isso, o cotidiano, sem deixar de ser mediação, autonomiza-se na sua banalidade, um dia atrás do

outro, produzindo a ilusão da História sem sujeito. Uma cotidianeidade volátil, onde as raízes esboroam-se já na segunda geração. A história do pioneiro começa a se perder na história do filho do pioneiro.

Num espaço tão organicamente estabelecido, o poder panóptico, aquele que, mesmo sem ver, tudo sabe e controla, reina sobre o domínio da impessoalidade que a especialização produtiva e os circuitos de troca implicam.

Nestas condições a construção da esfera simbólica da cultura pelos atributos da dignificação da vida tem dificuldade de combinar, de sintetizar espontaneamente as diferentes extrações culturais em presença. Por isso, lá, idênticamente, impõe-se hegemonicamente a cultura televisiva, capturando o tempo para tais elaborações.. O tempo do uso do tempo como espontaneidade da vida se converte em tempo-valor de uso da indústria cultural.

Nos termos aqui apresentados bastaria, talvez, uma lógica formal para explicar a "telescopage", posto que produz um espaço funcional, orgânico, sincrônico, previsto, com alto grau de homogeneidade.

No entanto, a indignação acerca da forma pura conduz a indagações sobre as fissuras possíveis, sobre conflitos que necessariamente comporta este mesmo universo. Afinal, o que estaria a fragilizar o espaço estratégico do mundo-mundialidade da soja?

A perspectiva que tal indagação coloca é a da totalidade do espaço, pois o produto que nega a homogeneidade estratégica,

como projeto e prática da produção do espaço estatista, está nele, como possibilidade, mas sobretudo fora dele, como realidade e prática. Está nos retornados, pois nem todos realizam-se como pioneiros, e aqueles que voltam já não são o que foram, como também está no enorme contingente de população deslocada, empurrada para outras áreas, cidades "velhas", no caso que se estuda: Cuiabá, Coxim, Campo Grande. Nestas cidades também está o outro lado do mundo da soja, manifestando-se na sua periferização descomunal. A recente periferia de Coxim, por exemplo, ironicamente denominada "o grilo", é hoje pelo menos três vezes maior que a antiga cidade.

Estas reflexões sobre o movimento pioneiro sugerem pensar no que os gaúchos deixaram para trás. E, nesse sentido, ainda que as estatísticas possam revelar uma queda do contingente populacional da região, não é possível entender este processo como esvaziamento de território, pois o que ficou naquela região é um **território pleno**, onde tem lugar concentração da propriedade, redefinição dos usos das terras, com expansão das lavouras modernizadas,...

A cidade sem infância nasce no mar de soja como lógica de intervenção do Estado no sentido da ocupação e valorização do território nacional. Adulta, porque é produto e consumação estratégica de adequação do espaço e do tempo da mundialidade. Lemos as metrópoles como cidades mundiais, com base em inúmeras evidências empíricas, mas como não conceber a cidade sem infância também como manifestação empírica dessa mesma mundialidade?

* Odette C. de Lima Seabra é professora do Dpto. de Geografia da Universidade de São Paulo.

** Sérgio M.M. Martins é mestrando em Geografia Humana pelo Dpto. de Geografia da Universidade de São Paulo.

NOTAS

(1) LEFEBVRE, Henri. De l'Etat, Union Générale d'Éditions, vol. 4, Paris, 1977.

(2) Cf. MARTINS, José de Souza. Caminhada no Chão da Noite, Hucitec, São Paulo, 1989.

(3) WAIBEL, Léo. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil, IBGE, Rio de Janeiro, 1979.



Foto:Sérgio Manuel Merêncio Martins